

SOU AUTOR DO MEU NOME MIA COUTO / 2019

um filme de SOLVEIG NORDLUND

Realização e Argumento: Solveig Nordlund / Fotografia: João Serralha / Imagem Adicional: Inês Carvalho, Miguel Costa / Música original: Pedro Marques / Captação de Som: Gabriel Mondlane / Captação de Som Adicional: Armanda Carvalho, Quintino Bastos / Montagem: Paulo Mil Homens / **Excertos de Filmes: Terra Sonâmbula** (Teresa Prata, 2007), **Comédia Infantil** (Solveig Nordlund, 1998), **Bom Povo Português** (Rui Simões, 1980).

Produção: Real Ficção (Portugal) / Co-Produção: TorromFilm / Produtores: Jacinta Barros, Rui Simões / Direcção de Produção: Jacinta Barros / Cópia: em DCP, falada em português / Duração: 52 minutos / Primeira apresentação pública: 5 de Maio de 2019, Festival IndieLisboa / Primeira exibição televisiva: 5 de Julho de 2021, RTP 2 / Primeira exibição na Cinemateca.

Sou Autor do Meu Nome Mia Couto é apresentado com **Música para Si** (“folha” distribuída em separado).

“Estou no lugar certo, no momento certo. O lugar onde a língua ainda não se sedimentou”

Sou Autor do Meu Nome Mia Couto é um dos documentários produzidos por Solveig Nordlund para televisão, destacando-se claramente Mia Couto, o protagonista cujas “radiantes” palavras e simpática presença ocupam um filme que se centra em várias entrevistas com o escritor. A maior revelação de **Sou Autor do Meu Nome Mia Couto** reside no modo como Solveig Nordlund traduz a fusão profunda entre a arte e a vida do escritor e biólogo moçambicano nascido em meado dos anos cinquenta, que no fundo atravessa a obra de tantos grandes artistas, mas também como através de Mia Couto o filme defende uma linguagem verbal não cristalizada e aberta a todo o tipo de experimentação, não apenas circunscrita aos domínios da literatura ou da poesia – o âmbito dessa experimentação por excelência –, mas extensível ao domínio da linguagem corrente, da “fala” do quotidiano e da escrita do português. Um tipo de experimentação com a linguagem que, no entanto, não encontra eco na forma deste filme, mas uma maior experimentação formal com a linguagem televisiva encontramos-la no primeiro filme da sessão, **Música para Si**, uma das arrojadas produções do Grupo Zero e da Cornucópia para a RTP do final dos anos setenta, com realização de Solveig Nordlund.

São várias as excelentes conversas com escritores, conduzidas e filmadas por Nordlund ao longo da sua carreira que revelam um apurado e eclético gosto literário.

De entre elas citamos apenas três: as várias conversas com Marguerite Duras e que resultaram em **Marguerite Duras** (1993), a entrevista que conduziu com Ballard em **J.G. Ballard: The Future Is Now** (1998), e as conversas com Mia Couto, que estão na base de **Sou Autor do Meu Nome**. Em **Sou Autor do meu Nome** encontramos Mia Couto em Portugal, mas sobretudo em Moçambique, onde nos descreve a sua feliz infância na Beira. Um autor que nos revela como só conheceu Portugal aos seis anos de idade, tendo permanecido em Moçambique depois da sua independência, momento que acompanhou já enquanto jornalista. É dessa infância feliz que parte a sua obra, mas também este filme que nos conta a origem do pseudónimo “Mia”, por si escolhido em homenagem aos gatos que andavam pela casa dos seus pais, abordando simultaneamente a pluralidade de passados que atravessou o seu país.

A par da evocação dessa infância feliz, Mia Couto evoca a violência do sistema colonial em que cresceu através da visita à escola primária que frequentou, “em que não tinha colegas negros.”, uma escola que agora corresponderá “à verdade e vitalidade do país”. Curiosa escolha de palavras por alguém que testemunhou dois mundos e dezasseis anos de uma violenta guerra civil. Realidades que enformaram a sua vida e necessariamente a sua produção literária, que acabou por ter uma influência determinante na origem de um teatro moçambicano numa altura em que não existia dramaturgia moçambicana e os moçambicanos procuravam uma identidade, representando os seus textos a própria possibilidade de a literatura moçambicana em “usar o português como língua própria, que já não é do outro”.

Mia Couto vê-se como um contador de histórias, mas acima de tudo como um “escutador” e um “transmissor”. Cresceu no meio de histórias (de origem europeia e africana) num país onde ainda hoje é impossível andar na rua sem ouvir histórias. “Penso na escrita como missão (...) no escritor como transmissor de recados”. Alusão às histórias e aos recados que lhe transmitem constantemente nas ruas, reafirmando-se em permanência a “nobreza” do papel do escritor. Mia Couto conta uma história belíssima a este propósito, a de um homem que o aborda e lhe diz que “só [tem] uma palavra para lhe dar: ‘improvisório’”. Palavra que não existe no dicionário, de que um homem sente a falta, colocando-a à disposição de um escritor.

Mia Couto olha para si, mas também para todos os moçambicanos, como homens livres, que “não são obedientes reprodutores da gramática”. É esse “estar disponível para a linguagem” e consequentemente para o “mundo” que nos fascina na personalidade de Mia Couto. Um biólogo apaixonado pelo mundo natural, cuja visita ao Parque da Gorongosa quando tinha cinco ou seis anos o marcou definitivamente. A mesma experiência de um sentimento de comunidade e de pertença ao mundo, que o fez sentir em casa e determinou a sua vontade de ser biólogo, é certamente a experiência que determinou a vontade de ser escritor. Percebemo-lo pelas suas palavras: “A minha pátria é a minha infância, volto sempre a essa pátria para escrever, para ser feliz, para amar.” Uma pátria que conjuga múltiplos passados, onde uma língua ainda em transformação se abrirá a uma infinidade de possibilidades.

Joana Ascensão